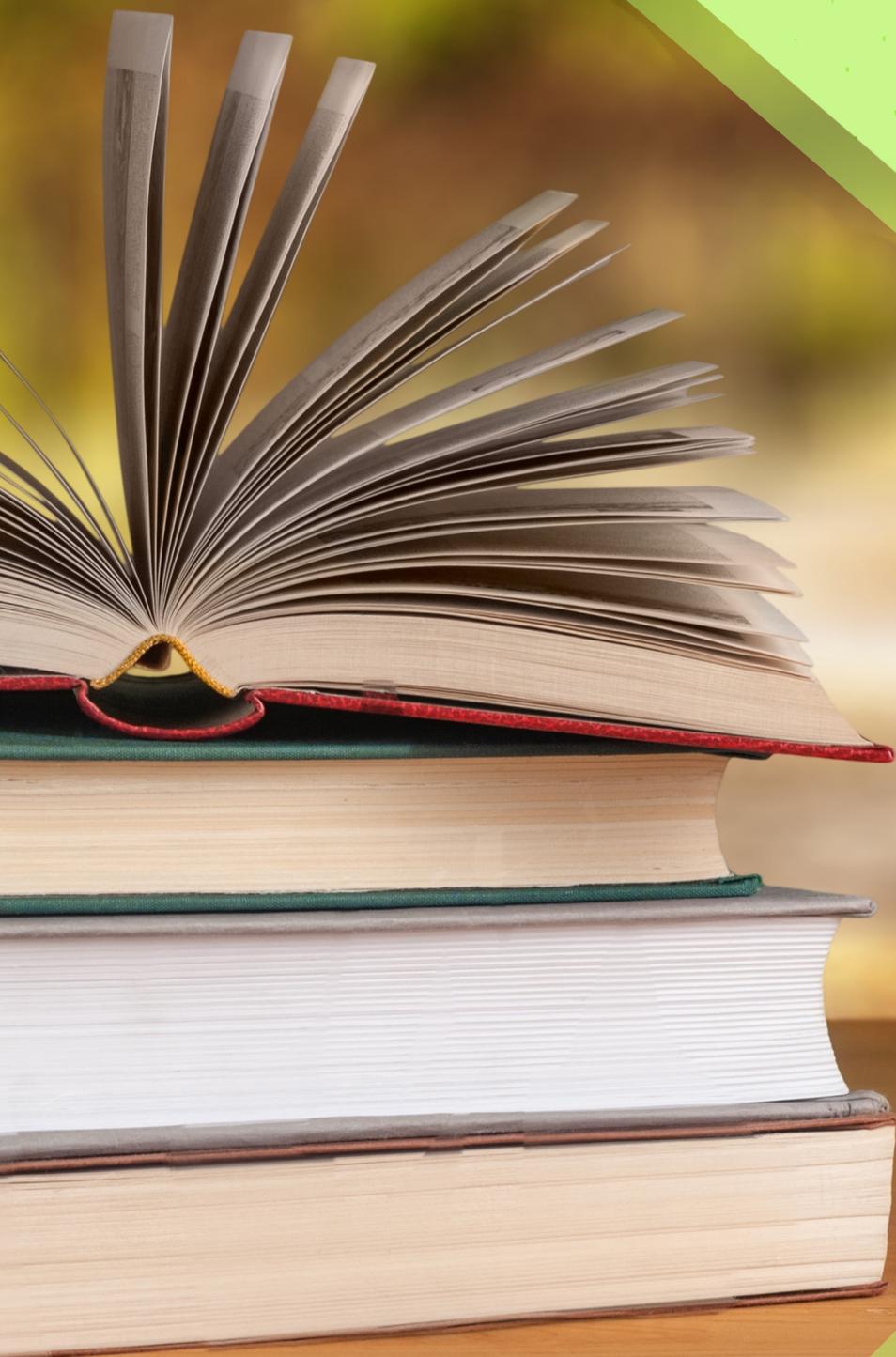


A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira
(Organizadora)



Denise Pereira
(Organizadora)

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
Berilo Luigi Deiró Nosella	
DOI 10.22533/at.ed.8211925041	
CAPÍTULO 2	8
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
Angla Pereira dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8211925042	
CAPÍTULO 3	14
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
Regina Coeli Alcantara Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8211925043	
CAPÍTULO 4	24
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
Helber Renato Feydit de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 5	31
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
Marília Villanova Rodriguês	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 6	38
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
Guillaume Azevedo Marques de Saes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925046	
CAPÍTULO 7	46
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
Bruna Alves Carvalho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925047	
CAPÍTULO 8	54
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE ¹	
Eduardo de Souza Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925048	
CAPÍTULO 9	65
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
Marcos Antonio de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925049	

CAPÍTULO 10	76
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
Ingrid Silva Lucas	
DOI 10.22533/at.ed.82119250410	
CAPÍTULO 11	85
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.82119250411	
CAPÍTULO 12	99
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
Flavia Salles Ferro	
DOI 10.22533/at.ed.82119250412	
CAPÍTULO 13	105
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
Luiz Henrique Santos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.82119250413	
CAPÍTULO 14	120
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
Samara Letycia Moura Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250414	
CAPÍTULO 15	127
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
Juçara de Souza Nassau	
DOI 10.22533/at.ed.82119250415	
CAPÍTULO 16	137
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
Lindsay Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250416	
CAPÍTULO 17	153
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
Maria Raphaela Campello	
DOI 10.22533/at.ed.82119250417	
CAPÍTULO 18	166
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
Makchwell Coimbra Narcizo	
DOI 10.22533/at.ed.82119250418	

CAPÍTULO 19	179
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.82119250419	
CAPÍTULO 20	195
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.82119250420	
CAPÍTULO 21	209
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
DOI 10.22533/at.ed.82119250421	
CAPÍTULO 22	217
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.82119250422	
SOBRE A ORGANIZADORA	226

A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO

Marília Villanova Rodriguês

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora – Minas Gerais

RESUMO: O projeto que se segue, busca através da história oral, da memória e da análise comparativa de documentos, resgatar a história de formação do bairro São Benedito, na cidade de Juiz de Fora. Busco contestar as hipóteses em relação à expansão dos bairros periféricos de Juiz de Fora advindos do grande crescimento industrial que a cidade viveu no século XX. Apresento que, em um longo processo de expansão e opulência das plantações, a cidade de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX, tornou-se uma das maiores produtoras de café do Sudeste de Minas Gerais. O projeto procura pensar sobre a população que fora escravizada e quais foram seus rumos após a abolição da escravatura, podendo ter dado origem a bairros periféricos Como no caso do São Benedito.

Palavras Chave: história oral, memória, bairro São Benedito, Juiz de Fora

ABSTRACT: The project that follows, searches through oral history, memory and comparative analysis of documents, rescue the formation history of the São Benedito neighborhood, in the city of Juiz de Fora. I try to challenge the hypotheses regarding the expansion of the

outlying districts of Juiz de Fora arising from the great industrial growth that the city lived in the twentieth century. I show that, in a long process of expansion and opulence of plantations, the city of Juiz de Fora in the second half of the 19th century became one of the largest coffee producers in the Southeast of Minas Gerais. The project seeks to think about the population that had been enslaved and what were its course after the abolition of slavery, and may have given rise to peripheral neighborhoods. As in the case of São Benedito.

KEYWORDS: oral history, memory, São Benedito neighborhood, Juiz de Fora

O presente texto é fruto do projeto de conclusão de curso da graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, pretende ser a proposta de uma pesquisa a ser realizada posteriormente, sendo o texto, a indicação de suas bases e primeiros passos. As justificativas e demais explicações estarão presentes a seguir.

HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO

1 | DELIMITAÇÃO DO TEMA:

Utilizando principalmente fontes primárias, como documentos acerca das

ocupações ocorridas no bairro, legais ou ilegais, da intervenção do Estado na região, e principalmente, dos relatos orais, a pesquisa tem o intuito de resgatar a história do bairro São Benedito, da sua formação aos dias de hoje. Segundo relatos orais, o bairro tem sua formação no início da década de 1930, apesar da data ser aproximada e não haver comprovação documental, a análise de alguns fatos que serão esclarecidos posteriormente, podem comprová-la. Assim sendo, é a partir daí que partirei a pesquisa. Uma das perguntas mais pertinentes para um historiador quando se observa um bairro é “como este bairro chegou ao que é?”. Tal pergunta pode ser respondida através da observação e pesquisa do processo histórico de construção e de ocupação territorial da região observada. A partir dessa análise, pode-se descobrir quando a região começou a ser ocupada, como e em qual contexto foi feita essa ocupação e como tal trajetória reflete no que o bairro se tornou. Obviamente tal processo está conectado com a história de crescimento da cidade. Juiz de Fora é uma cidade de médio porte, que conta com uma população de mais de 500 mil habitantes (IBGE, 2010). É notável que o crescimento da cidade não ocorreu de forma equivalente em todas as regiões, sendo muito comum o caso de bairros periféricos que crescem cada vez mais e de forma precária, sem contar com uma boa infraestrutura, ocupações e loteamentos irregulares, falta de saneamento básico e limpeza urbana, más condições dos serviços de saúde e educação pública. Essas características esbarram tanto no mercado de trabalho que não oferece condições suficientes para um cidadão pagar um aluguel ou construir uma casa e ainda manter a família e a si mesmo, quanto no descaso do Estado em não tratar a região de forma adequada, e, quando trata, provoca um aumento no custo de vida da população, pois incluem taxas de luz, água, IPTU, sendo insustentável para os moradores mais pobres se manterem, causando como num processo dominó, a desvalorização da região pelo mercado imobiliário, sustentando assim, as ocupações irregulares, aumentando a pobreza e conseqüentemente a violência. No caso do bairro São Benedito, esses fatores são facilmente reconhecíveis por um simples passeio no bairro, e sentidos de forma mais profunda se conhecermos um pouco mais sobre os moradores e seus dias a dia. O bairro é hoje, o oitavo mais populoso da cidade, com cerca de 14.693 habitantes (Censo IBGE, 2010), mesmo contando com uma péssima infraestrutura para os moradores. Pretendo mostrar com essa pesquisa, a importância do bairro para a formação da cidade, as revelações que essa história traz sobre as diversas trajetórias de grupos sociais que não foram enaltecidos nos textos mais divulgados sobre a história de Juiz de Fora, como os do período pré imigração europeia. A pesquisa se baseia em um regresso estudo de fatos, com a análise de documentação legal, notícia de jornais, levantamento de dados e relatos orais dos moradores, pretende ainda, problematizar a atual condição social do bairro, mostrar de onde ela partiu e levantar perguntas sobre a sua manutenção.

2 | PROBLEMATIZAÇÃO:

A região que hoje consta como Juiz de Fora, e que antes era dividida em freguesias e pelo distrito do Santo Antônio do Paraibuna, surgiu a partir da estrada chamada Caminho Novo (1709), rota construída para facilitar o trânsito entre a corte e as regiões mineradoras (Ciclo do Ouro). No entorno da estrada haviam diversas pequenas propriedades chamadas de roças, que forneciam hospedagem e alimentos aos viajantes. Ao final do século XVIII, no declínio da mineração, e com o crescimento das plantações de gêneros exportadores, houve uma emigração de trabalhadores do interior de Minas Gerais, para outras regiões do estado, principalmente o Sul e Sudeste Mineiro. As propriedades à margem do Caminho Novo obviamente acompanharam esse processo, as roças que outrora apenas forneciam o básico para os viajantes da Coroa, cresceram e, junto com o aumento do desmatamento da Mata Atlântica em todo o estado de Minas Gerais, se expandiram em grandes propriedades de monocultura, principalmente de café. Em um longo processo de expansão e opulência das plantações, a cidade de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX, tornou-se uma das maiores produtoras de café do Sudeste de Minas Gerais, chegando a 21.808 habitantes escravizados em 1886(Lacerda, 2006: 51). É necessário portanto, pensar sobre a população que fora escravizada e quais foram seus rumos após a abolição da escravatura.

Em geral, a formação de bairros periféricos tem como hipóteses explicativas, o grande crescimento industrial que Juiz de Fora viveu no século XX, juntamente com a inserção de imigrantes e a expansão natural da população, dessa forma, foram encontradas novas formas de viver e morar na cidade. Porém, foi apagada da nossa memória coletiva de forma intencional pelos diversos meios de informação que contam a história da cidade, o nosso intenso passado escravista.

É notável que, em bairros periféricos mais antigos, a população negra é majoritariamente presente, e o nome dos bairros muitas vezes remetem a santos católicos negros ou protetores dos negros, como Santa Efigênia e o próprio São Benedito. Seguindo tal raciocínio e levando em conta as configurações atuais do bairro a ser estudado, as explicações de nascimento e expansão pelo crescimento urbano de Juiz de Fora a partir do século XX através da expansão industrial e da vinda de imigrantes para a cidade, não parece adequada. Para destrinchar os outros motivos do bairro São Benedito ser em sua totalidade, o que ele é hoje, é necessário analisar o que existia na região antes de se tornar um espaço residencial. É sabido que, outrora, a região pertencia à fazenda Poço D'antas. A Fazenda Poço D'antas segundo documentação presente no arquivo municipal de Juiz de Fora, ficou em atividade extrativista da terra até meados do século XIX, e sustentava sua atividade com trabalho escravo, de acordo com o contexto da época. Por ser um território extenso, a hipótese de que tenham surgido quilombos em torno da região é plausível, considerando-se Quilombo um aglomerado de 5 ou mais negros escravizados fugidos. A origem

quilombola do bairro é um mito que corre pela região, apesar de muitos moradores, principalmente os mais antigos, afirmarem que tal história existe, mas negam a sua veracidade, porém, alguns fatos nos levam a concretizar tal hipótese. O nome do bairro, São Benedito, se trata de um santo católico negro e protetor dos negros, e é notável que, uma expressiva parte da população do bairro é declaradamente negra. Podemos perceber também que, a partir de relatos dos moradores, desde a década de 1930 já existiam habitantes na região, mesmo que poucos. Se tais relatos fossem comparados com os documentos oficiais da região presentes no Arquivo Municipal de Juiz de Fora, percebemos que os primeiros documentos oficiais de construção residencial datam de 1950, conseqüentemente, as ocupações iniciadas na década de 1930 eram irregulares, além dessa análise, também podemos perceber que, no mapa oficial da cidade, também de 1950, a área urbanizada decodificada na região, vai apenas até o bairro São Bernardo, localizado abaixo do bairro São Benedito, acima desta região, não consta como área urbana, nem ícones de pequenas ocupações, está apenas como área desocupada. Dessa forma, o corte cronológico será a partir do ano 1930 até os tempos atuais, a escolha da data foi baseada nos relatos orais dos moradores mais antigos da região. Esse conjunto de informações me leva a perceber a origem irregular das primeiras ocupações do bairro, e que possivelmente, essas ocupações tenham início em um quilombo ou de seus descendentes. A natureza irregular de formação urbana da região manteve o Estado afastado da mesma, e acabou causando também um certo afaste do meio urbano central. Relatos de moradores, dizem memórias interessantes sobre esses tempos, onde na década de 1940 ela conta não haver passagem de transporte público no bairro, tão pouco os moradores possuíam automóveis, caso alguém viesse a falecer ou ficasse doente, a ida até o centro da cidade onde poderiam ser tomada as devidas providências era feita a pé até uma determinada parte do caminho. A partir desse conjunto de informações, podemos traçar algumas perguntas que nos servirão como guia ao longo da pesquisa: (1) Quando o bairro começou a ser construído? (2) Como e quando se deu a sua expansão? (3) Em que medida a irregularidade das ocupações iniciais influenciaram na sua formação e no que ele é hoje? (4) Como foi o decorrer desse processo para desencadear no que o bairro se transformou? (5) Quais as tradições do bairro que permaneceram desde a sua formação? (6) Elas existem? (7) Há um sentimento de coletividade e pertencimento entre os moradores daquela região? (8) Levando em conta que, é provável que ela tenha se originado de um quilombo, e o mesmo ser uma forma de relação social com alto sentimento de coletividade, tal característica ainda permanece? (9) Se sim, em que medida?

3 | OBJETIVO:

É certo que o passado escravista de Juiz de Fora é pouco informado quando se trata da história da cidade, apesar de ser o início de sua formação e deixar raízes

profundas cujas suas copas são percebidas nitidamente até hoje. Através das pistas deixadas pelos negros da sua trajetória na cidade, é possível remontar essa história, observar e entender a cidade pela perspectiva dos escravos(as) que também a construíram. Através da observação do espaço urbano pode-se ter dicas de como essa trajetória se deu, e quais os frutos que ela deixou. Começo a minha pesquisa através da história que corre de boca em boca na comunidade do bairro São Benedito, a possibilidade dele ter surgido de um quilombo ou de seus remanescentes. A principal fonte utilizada será a história oral, o relato dos moradores e a pesquisa através da memória coletiva, buscando dar centralidade a memória dos atores que construíram a localidade.

4 | JUSTIFICATIVA:

Percebe-se em Juiz de Fora, uma cultura popular da história da cidade que dá extrema importância ao seu passado industrial. No início do século XX, Juiz de Fora foi a primeira cidade de Minas Gerais a receber imigrantes europeus para trabalharem em fábricas da cidade. Muitos pontos turísticos e festas tradicionais remetem a esse tempo, como o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas e a Festa Alemã do bairro Borboleta. Nomear Juiz de Fora como a “Manchester Mineira” também é algo muito usual pela população e pela mídia da cidade. É inegável a importância desse tempo para a história da cidade, porém, não só a era industrial juizforana faz parte da sua história. Juiz de Fora foi uma cidade de extrema importância a época do Império, sua produção cafeeira era altíssima, enormes fazendas faziam parte da cidade, e, conseqüentemente, o número de negros escravizados habitantes da cidade, era significativo. A população negra foi e é uma grande formadora da história da cidade, tanto sustentando sua economia em épocas do trabalho escravo, quanto constituindo sua cultura. Tal história não pode ser esquecida nem colocada aquém da época de crescimento industrial. O que hoje temos como o bairro São Benedito, é a continuação da história dos negros e negras que formam essa cidade, é a história dos seus trajetos de vida e da forma como ocuparam esse espaço.

A importância da pesquisa se dá tanto pelo fato de não haver trabalhos exclusivamente sobre a história do bairro, quanto pela importância do território em si, sendo um dos maiores bairros de Juiz de Fora, e de hoje, contar com uma realidade socioeconômica muito precária, e sendo conhecido pelo senso comum, apenas pela sua violência e casos de tráfico de drogas, o que afeta também, o próprio sentido de reconhecimento dos moradores em relação ao bairro.

5 | METODOLOGIA E FONTES:

Tomando como base a análise de fontes primárias da região, relatos orais dos moradores, e a análise crítica desse conjunto de informações e a observação com a

realidade do bairro hoje, proponho o resgate em torno da história e da memória do bairro. A principal meta da pesquisa será o resgate da memória através da oralidade, considerando a memória social e coletiva como um dos pontos base na formação de um grupo social, além disso, a região não é uma área reconhecida socialmente pela elite da cidade e, conseqüentemente na cultura popular juizforana, poucos são os documentos oficiais encontrados sobre o bairro, principalmente do início da sua formação. Para uma base temporal mais sólida e para documentos que mostrem as outras ocupações ocorridas no bairro, feitas por imobiliárias ou de forma regularizada pelo cidadão, procurarei trabalhar com os documentos referentes ao bairro encontrados nos acervos históricos da cidade, como notícias de jornal, licenças para construção imobiliária e pedidos de usucapião. Tais documentos me permitem traçar a trilha do processo de formação do bairro. Um ponto de ligação a isso, é a quantidade de pedidos de usucapião que pude encontrar, a meta é encontrar os sujeitos de tais pedidos para entrevistá-los, no intuito de resgatar as suas histórias e, conseqüentemente, de formação da região. Outra gama de documentos que nos dá pistas sobre a formação do bairro, é as licenças para construção de escolas, quadras de uso comum, hospitais e outros serviços públicos. Documentos dessa natureza começam a aparecer apenas na década de 1970, o que nos mostra como e quando começou a ser feita a intervenção do Estado na região, isso nos revela de imediato o descaso do Estado e até mesmo o não reconhecimento do bairro antes desse período. A falta de ação do Governo para com o bairro também está presente nos relatos orais coletados até então. Tal situação se reflete na relação entre o bairro e a cidade, os pré-julgamentos confinados a ele, como sendo uma região violenta e com pouca estrutura e recursos, e claro, na vida dos moradores do São Benedito. Os mapas da construção de Juiz de Fora também nos revelam informações interessantes, já que, analisando um mapa da década de 1950, o bairro São Benedito não consta como perímetro urbano, na região encontra-se apenas a referência à Fazenda Poço D'Antas, porém, o mapa pode nos dar um vestígio da origem do nome do bairro, já que perto da região, encontra-se uma pedreira chamada Benedito.

Como a principal meta da pesquisa é o resgate da história de formação do bairro São Benedito, e esta através da história oral, a base teórica e metodológica que utilizarei, será o uso da história oral e os conceitos de memória coletiva. Para tal, utilizo a leitura da obra Memória e Identidade, e o livro Memória Esquecimento e Silêncio, ambos de Michael Pollack. Sua teoria e obra me elucidam em relação a formação da memória coletiva e seus diversos aspectos. Pollack disserta sobre como os lugares fazem parte da memória coletiva, e a importância da família para a formação da mesma, onde lembranças de cada indivíduo a fomentam. O mesmo autor explicita a característica seletiva da memória, de acordo com os acontecimentos que julgamos importantes lembrar e serem repassados, e os que devem ser escondido. O diálogo com Michael Pollack tem me auxiliado muito ao longo da pesquisa, pois consigo discernir diversos aspectos dos relatos orais, que me ajudam a analisá-los de forma

mais crítica. Outro autor que tem me dado a base para o andamento da pesquisa, é Maurice Halbwachs, em sua obra *A Memória Coletiva*, Halbwachs trás a problemática do papel do indivíduo na formação da memória coletiva, tratando a memória mesmo que em plano individual, sendo parte e sendo produto da memória coletiva. Outra obra que utilizo, é de Myriam Moraes, *Memória e Família*, num estudo sobre a memória familiar das famílias de classe média cariocas no início da década de 1980, Myriam trás a tona, a forma como a memória é constituída no meio familiar, e como isso revela os fatores sociais daquela época, como meu objeto de estudo é um bairro, há diálogo entre famílias tradicionais da região, saber como se forma essa memória familiar, a importância dos álbuns de família, do relatos dos avôs e avós para a formação da comunidade, está sendo de grande importância. Por fim, de forma mais prática, o livro *Tecnologia social da Memória*, fornecido virtualmente pelo Museu da Pessoa, traz conceitos e práticas que me ajudam principalmente no fazer das entrevistas, o livro tem o intuito de orientar quem quer que seja, a construir um pequeno acervo da memória coletiva de uma determinada região, e, por ter um conteúdo prático sobre como fazer as entrevistas, como lidar com as pessoas entrevistadas, como estabelecer esta relação com seu objeto de estudo, também tem sido de grande auxílio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. Do 100 Ao 735 – A História de Formação dos Bairros de Juiz de Fora - MG. **ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Londrina, 2005.

BARROS, M. M. L. D. Memória e Família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 29-42, 1989. ISSN 3.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. 2ª. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

LACERDA, A. H. D. **Os Padrões das Alforrias em um Município Cafeeiro em Expansão (Juiz de Fora, Zona da Mata de Minas Gerais, 1884-88)**. 1ª. ed. São Paulo: FAPEB, 2006.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 3-15, 1989. ISSN 3.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 200 - 212, 1992. ISSN 10.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-282-1

